OBSERVATÓRIO PARTICIPA

Memorial da Ação Coletiva

MAC 05	Entrevista com Maria da Glória Gohn	nov. de 2026

A senhora é de onde? Nasceu aqui em São Paulo?

Sim, eu sou paulista. Nasci na divisa do Estado de São Paulo com o Estado de Minas, numa cidade chamada São Bento do Sapucaí. Ela é uma cidade que no passado foi importante, porque Campos do Jordão, que hoje as pessoas conhecem como a Suíça brasileira, pertenceu à São Bento do Sapucaí. E São Bento do Sapucaí era uma cidade que fazia, na época da Primeira República, a política do café com leite, era a ponte entre São Paulo e Minas. E lá a família do meu pai era ligada às elites políticas locais na época do coronelismo. Tanto que meu bisavô se chamava Coronel Ribeiro da Luz, e o nome dele tá inscrito no único Grupo Escolar que até hoje existe na cidade. E então, digamos, a cidade que eu nasci ela tem essa trajetória, essa importância histórica do ponto de vista daquela época. Depois se perdeu, é uma cidade parada no tempo. Tanto que até hoje ela tá sendo, invadida pelos turistas que tão descobrindo-a, Campos de Jordão encareceu muito e lá não. Mas eu morei lá muito pouco tempo na realidade. Porque meus pais nasceram lá, mas meu pai era professor de escolas, antigas escolas primárias. Enquanto professor, na época, existia os concursos de remoção. Então, eles iam removendo-se de cidade em cidade até conseguirem promoções na carreira e pegando os grupos escolares em cidades maiores. Então ele esteve em várias cidades do interior. Nós moramos na região de Piracicaba, Capivari, por oito anos. Então eu comecei o grupo escolar nessa cidade e quando eu já estava no terceiro ano do grupo escolar, meu pai conseguiu a transferência justamente pra São Bento do Sapucaí, para o grupo escolar, o famoso grupo escolar que o avô dele havia criado e ele foi lá pra ser diretor daquele grupo. Então foi algo muito importante.

Ele tinha formação superior?

Depois de tá dois anos lá, ele prestou concurso na Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, em São José dos Campos. Passou e daí, de novo, voltamos à rotina de migrantes. Embora ele tivesse muito orgulho de tá naquele grupo escolar que ele tanto gostava, mas era muito longe de São José dos Campos, muito difícil de fazer a faculdade, então ele prestou um novo concurso de remoção e foi parar em Jacareí. Então nós mudamos pra Jacareí e lá, na cidade de Jacareí, eu fiz a quinta série, concurso de admissão e a primeira série do antigo ginásio.

Escola pública ou particular?

Escola pública. Depois mudamos pra São José dos Campos. Porque daí ele achou que era mais fácil ele viajar durante o dia pra ir no grupo escolar e assistir à noite as aulas, do o contrário que à noite tinha dificuldade de voltar para Jacareí no mesmo dia, problemas de transporte daquela época.

Embora sejam cidades que hoje são quase que contínuas , mas na época era estrada velha. Bem, e lá nós ficamos em São José dos Campos e lá eu fiz todo o meu ginásio, também em colégio estadual. João Cursino, famoso lá em São José dos Campos. E depois eu fiz o científico, quando eu concluí. Na época eu pensava em fazer medicina, tinha umas idéias assim.

O que encaminhou a senhora pra área de humanas, pra sociologia depois?

É, acho que foram vários fatores. Quando eu estava no terceiro colegial eu conheci o meu atual marido, que era na ocasião professor no ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica – foi, assim, uma coisa muito rápida: conhecemos, namoramos, noivamos e casamos logo no ano seguinte. Casamos e viemos pra São Paulo. Porque era uma época que o ITA também estava em crise, isso foi em 1966. Estava em crise porque, justamente, com o golpe militar de 64 vários professores tinham sido também punidos. Então havia uma certa desorganização e um certo desânimo geral, ao mesmo tempo o país estava entrando na fase do milagre brasileiro. Uma valorização dos técnicos, dos engenheiros, dos profissionais pra trabalhar nas multinacionais que estavam se instalando no país, aquela camada de profissionais, os engenheiros, encontravam facilmente bons

empregos nas indústrias que estavam se instalando por aqui. Nessa leva ele também saiu do ITA e veio trabalhar numa multinacional aqui em São Paulo. Trabalhou primeiro depois ele foi pra Philco e ficou quinze anos na Philco. Então, durante todo esse tempo nós moramos em São Paulo. Eu vim pra São Paulo e fiz daí o vestibular. Foi nesse momento que da minha opção pela Ciências Sociais. Primeiro porque eu acho que tive, assim, um certo tempo, um ano para pensar e refletir e ver que, realmente, a história da medicina era mais um desejo acho que do meu pai ou da família, que sempre gostava de ter um advogado, um médico, um doutor do que propriamente dito uma aspiração. Segundo que nós estávamos em 1966. Quer dizer, na época que estava começando a se articular uma reação ao regime militar, bastante politizado o clima e que culminou logo em seguida com as passeatas e com 1968. Então tudo, as ciências sociais estavam em alta. Era os famosos, os excedentes, que justamente eram aqueles que passavam no vestibular e não conseguiam as vagas, então ficavam acampados na frente da USP e nas escolas em que não conseguiam vaga. E ciências sociais era uma das mais procuradas. Era, assim, uma verdadeira febre o curso de ciências sociais. A ponto de que quando veio a reforma universitária de 68 foi redefinido, por exemplo, a estudos sociais. Começou, todo um processo de desativação das ciências sociais do ponto de vista institucional, do regime. E todos os que foram, quase, cassados ou uma grande parte dos cassados em 68 eram profissionais na área das ciências humanas, das ciências sociais. Uma grande parte deles, lideranças estudantis também. Então foi acho que esse clima político, né? Eu sempre tive, assim, uma paixão pela política. Ao mesmo tempo também eu, desde a época que eu fiz o colegial me interessei pela pela abordagem dos humanistas nos anos 50, por exemplo, que Padre nesteve no Brasil e teve uma
grande influência do movimento humanista no Brasil. No início dos anos 60, todo já começa uma renovação na igreja católica e movimento dos cursilhos, que depois veio dar origem às comunidades eclesiais de base.

Como é o nome do movimento?

Os Cursilhos. Meus pais frequentam e organizam cursilhos aqui em Nova Iguaçu, de tudo isso um pouco. De uma certa forma, eu comecei a me interessar já naquela época a participar: movimento da JEC, movimento da JUC. Então eu

participei também na época do colégio. Assim como também, esses humanistas que na época, Mannheim e o contato com as obras marxistas, etc, só depois na faculdade. Mas nessa fase foi esse encontro com o humanismo, digamos, não é. E numa vertente mais cristã. E que estava muito presente junto ao movimento estudantil e à essa ala mais ligada, a igreja católica de renovação.

A senhora fez a graduação em quê?

Eu fiz a graduação na sociologia e política. Na Escola de Sociologia e Política, que é uma escola particular, mas que tem uma trajetória de ensino da sociologia no Brasil, acho que passa pela história das escolas de sociologia e política. Eram três em São Paulo, Belo Horizonte, Recife ou Bahia, não tenho muita certeza. Eram três. E depois hoje, atualmente, só existe a de São Paulo. Que eu saiba as outras fecharam. E elas foram fundadas, no caso de São Paulo, por exemplo, antes até da faculdade da USP, da filosofia. E era bem aquele projeto ligado ao pessoal do Estadão, de formar as elites políticas para o país. Há vários documentos na biblioteca da faculdade que registram. Até hoje ela ainda existe na rua General Jardim, Se eu não me engano ainda está localizada lá, e ela depois ela pertenceu à USP. Nos anos 50 teve uma relação com a USP que se rompeu nos anos 60. Ela torna-se uma fundação. Passou por várias crises administrativas. Eu estudei lá de 66 à 70 e depois ao mesmo tempo lá foi o início das minhas atividades docentes no ensino superior em 76.

E o que a senhora encontrou na Escola, em termos da graduação? Foi um conhecimento muito diferente? Autores que a senhora não tinha acesso, como foi isso?

A época que eu fiz graduação foi um momento político muito rico na história do país, que foi 66 a

70. Então toda aquela movimentação, mobilização a gente não via e não acompanhava: a gente sentia e vivia. Não era alguma coisa, assim, pelo rádio ou pela televisão não. Sentia e vivia. A localização da Escola, pelo fato de que ela era na rua a duas quadras da Maria Antônia. Nós, a USP ainda, a filosofia ainda não tinha ido lá pra Cidade Universitária, então tudo acontecia era por ali. A sociologia e política, então primeiro acho que esse cenário político que foi

interessante. O segundo aspecto é com relação à Escola em si. Ela teve um papel importante nos anos 40, 50, de alguns
intelectuais que também fazem parte da história da sociologia no Brasil, aqueles que trouxeram a abordagem dos estudos de comunidades, como Willems, por exemplo, foi professor lá, o Florestan Fernandes fez alguma coisa ligada à pós-graduação, também passou por lá. Então, assim, teve vários professores importantes. Quando eu chego, que eu fiz nos anos 60, eu tive alguns professores que marcaram bastante naquela escola. Por exemplo, alguns que eram liberais, mas tinham uma formação muito sólida, como por exemplo o professor Vicente Barata Rangel, que depois foi pra USP, professor da São Francisco e que ensinava Política, Política Internacional. Tive a oportunidade de ter aula, por exemplo, na área da psicologia, da psicanálise. A Escola também era bastante forte, porque era interessante, era uma escola mais de sociologia e política. Diferente das outras que eram ciências sociais ou só sociologia. Tive aula, por exemplo, com a Dra. Bete, então eu li Freud, depois com um outro auxiliar, assistente dela. Ou seja, foi na escola de sociologia e política que, digamos, tomei conhecimento das leituras, assim, clássicas, básicas que faziam realmente descortinaram uma leitura do mundo do ponto de vista de uma análise crítica, nós tínhamos muita dificuldade com bibliografias. Do ponto de vista de traduções tinha muito pouco acervo. Líamos bastante livros em espanhol, porque era em grande parte caros e ao mesmo tempo escassos, acrescido do fato de que estávamos em pleno regime militar. Então alguns professores tinham um programa oficial que era registrado e um outro programa que, de fato, era desenvolvido. Então, por exemplo, nós tínhamos lido Marx, mas se for olhar no currículo lá não tem nenhuma bibliografia relativa à leitura do Marx. Porque era ao mesmo tempo foi um período de muitas tensões e nessa escola, ela também tinha um programa de pós-graduação e depois viemos a saber que tinha vários alunos que vinham para o Brasil naquele programa “Ponto 4”, que depois, existem registros que nesse programa vinham também alguns agentes da Cia ou coisa parecida e que estavam lá como alunos, oficialmente. Então foi, assim, um período que você convivia com uma série de pessoas, alguns se tornaram até lideranças, mas alguns você pensava que eram uma coisa e eram outra. Então foi um período complicado. Mas, então, foi mais um período de formação muito importante. Essa

descoberta do mundo da política.

A senhora foi fazer a pós logo depois ou existiu algum intervalo de tempo?

Não, teve um intervalo. Eu acho que entrei na pós, foi em 72 ou 73 na USP, com o professor Leôncio Martins Rodrigues. No primeiro momento eu entrei até com projeto sobre sindicatos, sobre sindicato dos gráficos. Porque ele era especialista em sindicatos e cheguei a fazer o projeto. Cheguei a ir ao sindicato, fui coletar dados. Mas daí eu descobri que já tinha uma professora fazendo uma tese, que já tinha um outro livro, então achei que já tinha muita gente estudando os sindicatos dos gráficos. Era muito comum naquele período o estudo do movimento sindical nas primeiras décadas, principalmente do século XX. Vários trabalhos hoje se tornaram clássicos até,

surgiram naquela época. Na pós-graduação eu tive a oportunidade com o Leôncio, com o professor Azis Simão, com professor Weffort. Então foi, assim, o momento de uma discussão realmente e leituras dos clássicos e seminários bastante aprofundados. O que eu emendei em seguida foi o doutorado.

A senhora já foi pensando estudar sindicato já desde a graduação ou foi quando foi fazer o mestrado? Como é que foi a aproximação da senhora com essa área de movimento popular?

Na realidade, nos últimos dois anos, quando eu fiz o terceiro ano de faculdade eu me identifiquei muito com a disciplina de sociologia urbana. E na época, então, estudei bastante a questão da Escola de Chicago, as diferentes correntes da sociologia urbana e me apaixonei pela temática da sociologia urbana. E quando eu estava no quarto ano, daí fui monitora, lá tinha essa questão das monitorias, em sociologia urbana. E foi estudando a questão da sociologia urbana que eu descobri essa vertente do associativismo. Eu lembro de um trabalho, que na época era um dos poucos que existiam, do Manoel Costa, que era filho, inclusive de um dos diretores lá da escola e que depois até eu acho que ele abandonou a sociologia, ele acabou indo pra psicanálise. Mas que falava do associativismo em São Paulo. Era um dos primeiros estudos. E então eu, ao mesmo tempo junto a

essa história de estudos de comunidade, de participação, cheguei a fazer um trabalho em que eu viajei para uma pequena cidade do interior aonde o Willems tinha feito aquela pesquisa que deu origem ao “Cruz das Almas”, aquele que é um tijolão, assim que se chama, acho, que é perto de São Roque. E eu fui lá pra ver, pra conferir como que era aquela cidade retratada nos livros que vai dentro daquele sistema funcionalista que ele pegou diferentes sistemas da cidade. Tem até as receitas que as famílias faziam de comidas. Mas cada vez que eu mergulhava nesses temas do cotidiano da cidade, da sociologia urbana, eu me interessava pela questão realmente da participação e como que as pessoas se organizam. Na questão do sindicatos, porque foi o sindicato dos gráficos, que num primeiro momento eu me interessei. Realmente eu não tenho, assim, esse registro muito claro. O registro que ficou foi porque que eu desisti. Por outro lado, nesse período eu morava na zona sul do São Paulo, lá no Brooklin, e eu comecei a observar em vários locais, associações de moradores e chamando para reuniões, o pessoal chamando pra reuniões da associação de moradores. Então quando veio a minha certa crise de identidade com o sindicato e eu, na realidade, falei “nossa, mas essa associação de moradores, o que que é isso?” e me interessei por isso. Me lembrei da pesquisa do associativismo, etc. e foi daí que eu fui caminhando. Que não era a área de pesquisa, naquele momento, do Leôncio Martins, que pesquisava sindicatos, mas que ele deu toda abertura, acolheu, não impôs nenhum obstáculo que eu fizesse a pesquisa, que eu mudasse o objeto de pesquisa para associações de moradores. Que, na realidade, aqui em São Paulo chamava Sociedade Amigos de Bairro. Um termo diferente.

E no doutorado a senhora continuou com o tema e consolidou pra senhora esse tema?

É, acho que foi uma escolha sem volta. No seguinte sentido: fiquei na Sociedade Amigos de Bairros, num primeiro momento bem localizado Daí eu comecei a ampliar, toda a região sul, toda minha pesquisa de campo acabou ficando na região sul de São Paulo. Agora, o período que eu peguei no estudo da Sociedade Amigos de Bairros também foi algo que, realmente, assim, marcante no porque daí eu não sair do tema. Que foi justamente o período que surgem a reorganização e os movimentos populares. Um período de resistência ao regime

militar e pelo fato doa sindicatos estarem controlados, atrelados a maioria, tirando a resistência que foi se organizando no ABC e alguns lugares. O próprio aqui da resistência a oposição sindical em São Paulo, a maioria dos sindicatos eram controlados. E ao mesmo tempo começou-se a desenvolver o programa nos bairros com as famílias. Houve toda movimentação, mobilização em alguns setores da igreja católica e, à partir de 1972, quando Dom Paulo Evaristo Arns assume a arquidiocese aqui de São Paulo e elabora um projeto sobre a periferia de São Paulo. E naquela época daí começa, inclusive, a aparecer as dificuldades de infra-estrutura no dia-a-dia, a expansão imobiliária que tinha ocorrido e problema que depois veio mais pra frente ocasionar o dos loteamentos clandestinos, os grandes afluxos dos imigrantes para São Paulo e que, um primeiro momento compravam os terrenos, os lotes e que, depois, num segundo momento, descobria-se que eram todos grilados, clandestinos. Naquela época era comum comprar em 20 anos, prestações e era auto-construção. Quer dizer, então eles tinham uma organização baseada nos laços de parentesco, compraram os terrenos em vinte anos achando que estavam nos seus proprietários e depois descobriam que não. E a zona sul de São Paulo foi onde teve essa grande concentração de expansão porque coincidiu que nesse período o regime militar estimulou toda uma política para as camadas médias, BNH e etc. A maior parte das construções estavam nos bairros da zona sul. E consequentemente quem vinha trabalhar nessas construções tinham que se alojar em algum lugar, que os construtores não se preocupavam em alojá-los. E pra onde que eles iam? Eles iam lá pras regiões das represas, pra Santo Amaro, quer dizer, então lá ficou o reduto, digamos, de moradia, dormitório, desses trabalhadores que vinham. E as mulheres, consequentemente, iam arrumando os empregos como empregadas domésticas. Foi um período também que a mulher da classe média sai pra trabalhar, a expansão do sistema universitário, ela sai pra estudar. Consequentemente precisa ter alguém pra ter dentro de casa. Consequentemente a empregada precisa de alguém para cuidar do filho dela: movimento de luta por creche. Foi assim, uma série de condições estruturais que explicam também a emergência dos movimentos naquela época: o apoio da igreja, as condições econômicas, o modelo econômico daquela época, o regime político, a falta de possibilidade de discussão, de espaços nos canais dos sindicatos, invocando,

então o uso da igreja: a reformulação que a igreja estava passando após o Concílio de 74 e após o de

68, levando esses projetos voltados para o povo, e a educação popular, que passa a desenvolver toda. Paulo Freire, e ao mesmo tempo a Teologia da Libertação, qua passa a dar esse suporte de como trabalhar com o povo, do povo, toda uma crença na possibilidade de transformação ouvindo a voz do povo. Então essa cultura toda que me colocou, digamos assim, no centro dessa da produção, de reflexão e coleta de dados sobre os movimentos sociais. Então eu entrei como pesquisadora, mas era muito difícil, as vezes, você saber até que ponto se era pesquisadora, até que ponto era uma militante. Porque você começava a participar e de repente estava numa reunião em que você era solicitado pra ajudar redigir uma carta. Isso aconteceu frequentemente.

A senhora não era liagada a nenhum grupo político?

Não. Não tinha nenhuma, eu nunca me filiei a nenhum partido.

Essa demanda, e essa mistura do papel do pesquisador com o participante vem mais de uma demanda das pessoas do movimento?

Exato. É claro que aqui há uma certa identidade de valores no sentido de ver a legitimidade, a importância daquela demanda. Me lembro, por exemplo, quando começou a se organizar algumas frentes que coloca a questão da luta pela moradia, na qual era um grupo de pessoas que tinham gasto muito dinheiro com advogados e que enrolavam, enrolavam, etc, e não resolviam. Quer dizer, eles tentavam entender, mas não tinham escritura\estrutura porque aquilo era ilegal varias situações bastante complicadas. E na época eles começam a perceber que na paróquia tal, um grupo de pessoas estavam discutindo essas questões, estavam fazendo grandes encaminhamentos coletivos. Quando começa a surgir a força do coletivo, essas pessoas vão engrossar, então, ao ouvir os depoimentos dessas histórias, não tinha como você não se identificar, sensibilizar com a causa ou com as causas que estavam em questão. E também não tinha como ficar ausente, Assim “não, eu sou pesquisador...” Já aconteceu, se sentir solicitado não é.

Bom, a senhora estava falando da sua responsabilidade com esses projetos, a Urplan. A senhora fazia todos os projetos?

É, porque os cursos conferiam um certificado. E, então, eles eram bastante demandados na época e havia, assim, uma demanda. Quem eram os nossos alunos? Profissionais que trabalhavam no Estado. A Secretaria do bem-estar social da prefeitura, na época, tinha um programa grande também com a periferia. Foi numa época que se criou os conselhos comunitários. E nós tínhamos alguns cursos eram às vezes demandas dos próprios órgãos públicos. Então, às vezes a gente quando começava o curso já tinha quase que 50% de alunos já pré-inscritos porque eram demandas que vinham. Também lideranças, que nós tínhamos sempre vagas, não se cobrava nada pras várias

lideranças que faziam e alunos formados de diferentes áreas. E tivemos, também os cursos abriam espaço pra debates. Por exemplo, o Betinho quando chegou ele foi lá e participou de um desses cursos, de um dos debates. Então foi um período, que os cursos ao mesmo tempo eles eram espaços de debate. Eles ocorriam sempre. E a única dificuldade que a gente tinha na época era com os guardas, que eles tinham que ir embora, teoricamente tinha que acabar às onze e a gente nunca conseguia sair de lá antes da meia- noite. Porque era sempre, assim, uma paixão. Virava, assim, alguma coisa que realmente todo mundo se integrava, e quem na época participou desses cursos é que nem quem tem a lembrança dos famosos cardenos do povo nos anos 50. Quem escreveu, participou do cadernos do povo sempre tem um depoimento. Acho que a mesma coisa é esses cursos que o Urplan, depois o Urplan mudou dos rumos. Eu acho que, depois foi fechado. Tentaram reabrir.

A senhora ficou até que ano, mais ou menos, no Urplan?

Eu fiquei até 1980, quando em 79 eu defendi meu mestrado, 80 eu entrei no doutorado, mas em 81 eu mudei para Belo Horizonte. Foi programas mais de conjuntura de vida a época das crises econômicas. Meu marido trabalhava numa multinacional em Belo Horizonte. Então nós mudamos para Belo Horizonte e ele era mineiro, a família dele era de lá e foi, assim, uma certa volta pra casa pra ele. E daí em Belo Horizonte foi interessante porque eu cheguei lá num momento político importante porque o que acontecia em São Paulo no plano da

participação. Acontecia, com uma certa defasagem no tempo, por exemplo, eu tinha participado bastante do movimento de luta por creches aqui, que deu origem posteriormente, ao meu doutoramento, que aí eu já peguei a organização das mulheres pelas creches em São Paulo. E eu cheguei em Belo Horizonte e estava, incipiente esse movimento em duas frentes: uma primeira frente o movimento comunitário, popular, que era o movimento comunitário das creches da periferia de Petim, daquela região onde, justamente, tinha se instalado a Fiat, e ao mesmo tempo tinha uma série de mulheres que tinham voltado com a anistia e que formaram o SOS Ação Mulher em Belo Horizonte. E eu comecei a participar dos dois, porque várias colegas da UFMG, pra onde eu fiz o concurso e entrei no programa, na faculdade lá de sociologia, então, participavam também desse movimento. Mas ao mesmo tempo foi interessante Minas naquele momento porque a faculdade de sociologia estava abrindo o programa de mestrado, que ainda não tinha, então eu ajudei, colaborei na organização do curso e logo que abriu eu assumi a disciplina de metodologia. Que aliás, durante toda minha vida profissional na faculdade, eu sempre lecionei ou temas ligados à sociologia urbana, participação; ou metodologia de pesquisa. Sempre foram esses dois eixos. Eu sempre me identificava muito ou com Castells – que também teve essa trajetória – ou com Faria, que pesquisou sempre sociologia urbana ou métodos de pesquisa, etc. Inclusive, na época, até eu cheguei a organizar um debate. Convidei-

o, ele esteve lá. Um pouco antes de nós abrirmos o programa de pós-graduação. Fiquei em Belo Horizonte três anos e a primeira dissertação de mestrado do departamento de sociologia, que foi defendida lá, fui eu que orientei.

Sobre movimentos...

Sobre movimentos dos transportes em Belo Horizonte. Porque daí eu levei pra lá, e comecei a estudar, me inseri no movimento também lá de creches. Mas mais no comunitário, também nessa dupla trazendo um pouco da experiência que eu tinha tido e observado aqui em São Paulo. E lá eu cheguei a escrever também alguns textos sobre movimentos populares em Belo Horizonte.

A senhora ficou três anos e depois voltou pra São Paulo?

E aí voltei pra São Paulo. Foi um projeto familiar que Minas não deu, que não deu muito certo, não é, mas foi interessante porque aí, nessa volta, o meu marido foi trabalhar em Campinas. Foi a época da política de informática, ele é engenheiro eletrônico e foi trabalhar no Centro Tecnológico de informática, que atualmente se chama, acho que Renato Acher, uma coisa assim, situado em Campinas. E que, na época, se pretendi ser um certo órgão coordenador, impulsionador, daquela política de informática dos anos 80. E eu fiquei ainda um tempo lá. Fiquei ainda um semestre ou um ano em Minas e aí eu fiz concurso na Unesp. Tive três, aliás quatro tentativas naquele momento. Na Unesp eu fiz um concurso, passei em Araraquara, mas era uma época que tinha um reitor que ele estavam enguiçando, e que não me davam posse. Na Ufscar, eu conhecia já, mas tive oportunidade de conhecer melhor o professor Albertino Rodrigues, que na época convidou-me para trabalhar na pesquisa dele sobre cidades médias. Eu pedi um afastamento lá da UFMG e eles me deram, justamente para tentar resolver essa minha situação profissional da volta. Que eu já tinha pedido demissão da PUC São Paulo. E aí o professor Albertino convidou e eu trabalhei na pesquisa com ele por 3 meses em São Carlos, mas não consegui a transferência. Porque a transferência, o Reitor lá concordou, tudo concordou, mas o departamento colocou que só se fosse alguém de São Carlos pra lá. E naquele momento não tinha ninguém de São Carlos querendo ir pra Belo Horizonte, então não foi possível. Tentei também na Unicamp, mas o concurso que abriu naquela época não foi possível também porque foi desses concursos que às vezes fazem, na qual o professor que passou já dava aula lá há quatro ou cinco anos. Estava aguardando uma oportunidade de ter um concurso público pra organizar, mas foi uma experiência válida. Então, surpresa minha, eu acabei entrando foi na USP. Eu entrei na FAU, no concurso interno e fui trabalhar no departamento de História. Foi uma experiência riquíssima. O departamento de História da arquitetura e do projeto com quem era na época era o professor Nestor, Mas lá estava o Celso Lamparelli, que era um professor que daquele grupo que também tinha estudado na França sobre o urbano. O Gabriel, Quer dizer, tinha, assim,

vários... tinha um grupo de sociólogos, Maria Ruth, Suzana Pasternak. Esse grupo de sociológicos que estudava, justamente, as condições históricas do processo de urbanização. E foi importante, porque daí lá eu fiz a minha livre-docência. Na

FAU. Eu estudei o movimento de luta pela moradia. Tem o meu livro que saiu posteriormente, porque cada um dos meus livros, teses, foram frutos de livros. Primeiro “As reivindicações populares”, depois “A força da moradia”, que foi o livro sobre a luta por creches, E daí “A luta pela moradia” foi a tese de livre-docência na FAU, na qual a banca foi o Lúcio Kowarick, o Chico de Oliveira, o Paul Singer, o Décio Saes e o professor da professor da própria FAU, que era o Fernando Casério, que infelizmente veio a falecer.

A senhora então ficou na FAU muito tempo?

Não. Fiquei três anos. Mas, na realidade, na FAU eu fiz um processo de seleção interna, porque não tinha uma vaga propriamente dita. Eu entrei numa vaga de substituição à professora Neide Patarra, que naquele momento estava exercendo um cargo público, num órgão público. Mas daí, nesse meio tempo eu já era livre-docente e não tinha uma inserção funcional, digamos, assim, plena. Porque o professor substituto sempre fica na pendência, Se a professora Neide retornasse eu perdia minha vaga. E daí surgiu uma vaga na Unicamp que eu acabei fazendo e fui trabalhar. E entrei na Faculdade de Educação. Isso já foi em 1987. Fui trabalhar com Maurício Tragtemberg, Porque lá tinha um setor de educação popular. Naquela época Paulo Freire estava lá ainda, tinha retornado e ele se reintegrou à Universidade, num primeiro momento na Faculdade de Educação e depois saiu de lá quando ele veio ser secretário em 89 com a Erundina. Tinha, então, um departamento de educação popular muito forte e que depois foi se desativando porque as pessoas foram saindo. Então, foi a minha inserção na área da educação.

A senhora nesse tempo já chegou a usar ou usava a terminologia “novos movimentos sociais”? A senhora fazia algum tipo de comparação dos movimentos sociais então nascentes com os movimentos sociais urbanos pré-64?

Nos anos 80 o que que eu produzia? Esse livro “As reivindicações populares”, que fora fruto, então, do mestrado. “A força da periferia”, que foi meu doutorado. E “A luta pela moradia” que foi a livre-docência. Quando eu vim pra área da educação, daí eu escrevi um sobre movimentos sociais e educação, que é bastante utilizado

na área da educação, inclusive tá na sexta ou sétima edição. Naquele período, quer dizer, eu comecei, assim, a ampliar do movimento popular para outros movimentos sociais, porque quando o pessoal fala “Ah, nos anos 80, os movimentos sociais...” Na realidade, nos anos 80 foi justamente esses novos movimentos sociais. Mas quando fala do movimento popular é anos 70.

Na área de sindicalismo é muito clara a diferença: o pessoal que estudava e usava o conceito “novo sindicalismo” estava fazendo um diálogo crítico e estabelecendo analítica e politicamente um rompimento com o que seria o “velho sindicalismo”, sindicatos populista e etc. Isso, quando a senhora estuda, estudava na época, anos 70, movimentos sociais, existia esse tipo de comparação com os movimentos sociais pré-64, movimentos sociais urbanos pré-64, em que o que surgia de novo era visto positivamente?

Sim. Existia no sentido, por exemplo, das próprias Sociedades Amigos de Bairros, que eram visto como herança da fase populista. Criadas muito ligadas àquela estrutura de poder político. Eles eram mediação entre os vereadores. Inclusive a carreira política de vários começaram nos bairros. Quer dizer, eram lideranças de bairro e era visto um pouco, assim, como um certo trampolim. Então, o movimento que surge nos anos 70 ligado às pastorais, às comunidades eclesiais, aos projetos da periferia, eles se distanciavam, nos bairros, inclusive, havia até uma certa tensão entre as duas instituições. Agora isso é uma coisa bem paulista. Em Belo Horizonte eu via essa questão, mas daí já mais diluída. Então em Belo Horizonte tinha a região do Barreiro, que é justamente a região mais próxima da cidade industrial, onde tinha um trabalho da igreja, lá surgiram movimentos comunitários, como eles eram chamados. E ao mesmo tempo, do outro lado, que era Venda Nova, que hoje seria aquela estrada que vai lá pro aeroporto de Confins, lá era aonde tinha o maior número de associações de moradores. Lá ninguém sabia o que era Sociedade Amigos de Bairros, que Sociedade Amigos de Bairros era uma coisa bem, assim, paulista. Que foi criado muito inspirado no modelo que teve em Buenos Aires até nos anos 30, e em alguns outros lugares também ocorreram Sociedade Amigos de Bairros, mas na maior parte chamava-se Associação de Moradores. No Rio também?

No Rio é Associação de Moradores.

Associação de Moradores. E que, digamos assim, o movimento comunitário era visto como aquele mais progressista. Então, isso no plano popular. E era o que mobilizava e o que aparecia. Essa ruptura do sindicalismo, do novo e do velho, se referem às práticas, mas voltados pro mesmo, digamos assim, sujeito, que é o trabalhador. No caso do movimento no Brasil, inclusive assim, muita confusão sobre isso, porque quando falava assim "O emergente, o movimento, o movimento no Brasil" era esse movimento popular de bairros, essa organização que era o novo em contraposto àquelas práticas pelegas. Nos anos 80 daí surge um outro movimento, os novos movimentos, daí baseado muito numa literatura também europeia, que lá estava falando da questão das mulheres, dos pacifistas. Os verdes, ecologia, dos estudantes. E isso também começa a ocorrer aqui no Brasil, mas em graus, assim, digamos assim, não tão concomitantemente. Teve o das mulheres, sem dúvida, que já nos anos 70 estavam, mas que não se chamavam naquela época, não se falava em movimento das
mulheres, com esse termo. Por exemplo, o movimento de luta por creches foi até muito interessante. Porque eu pesquisava um movimento no qual era eminentemente, 100%, eu lembro que a região que eu peguei tinha um homem que participava das reuniões, depois ele acabou saindo candidato à vereador naquela região. Um homem. Era só mulheres as lideranças todas daquela região. E que esse, eu não tratava sob o ponto de vita duma ótica de gênero de mulheres, na época. Eu tratava mais naquela abordagem macro-estrutural, das necessidades ligadas à reprodução da força de trabalho. Quer dizer, o mundo do trabalho era o olhar, né? A necessidade da mulher trabalhar fora. Dentro desse panorama, assim como até algumas feministas que estudavam até a própria questão da mulher focalizavam esse mundo do trabalho. Se pega os trabalhos da Eliete Safioti naquela época, estava estudando o mundo do trabalho. Várias, aquela outra que veio a falecer também estava estudando o mundo do trabalho. Uma vez conversando numa Anpocs, eu acho que foi em Águas de São Pedro, não me lembro exatamente o ano, conversando com Eder Sader, e ele me chamou atenção. Porque ele já estava fazendo a abordagem, ainda não tinha defendido o livro dele "Quando os novos personagens entraram em cena", mas já estava com esse olhar e ele falou: "porque que você tem uma coisa tão rica na

mão, porque que você só faz esse olhar estrutural?". Questionou-me do ponto de vista que então daí eu comecei realmente a prestar mais atenção da necessidade de ampliar os referenciais, de ler mais. Porque era como se outras abordagens não tivessem muito haver com o meu objeto. Então essas abordagens estruturais eu lia bastante Gramsci, né? Na questão da importância das reivindicações, das mobilizações, mas sempre dentro desse enfoque das estruturas de dominação.

E um pouco esse enfoque vai mudando pra senhora?

É. depois foi se ampliando e ao mesmo tempo, várias pessoas começam a pesquisar especificamente o movimento das mulheres, Outros aí que depois vai se tornar na questão do gênero, que naquela momento era o movimento das mulheres. E que se contrapunha ao feminino, uma coisa assim. Aqueles grupos de estudos pegavam mais uma perspectiva dos departamentos femininos. Sociedade Amigos de Bairros, por exemplo, tinha um departamento feminino. Essa ampliação eu eu acho que foi importante, daí é leitura de Bobbio, leitura Hanna Arendt. Quer dizer, foram, assim, ampliando pra questões ligadas à democracia. Mas acho que foi muito importante também a leitura de Foucault, aí pra enxergar a questão dos micro-poderes, pra enxergar outras dimensões da análise para além da questão mais estrutural. Por isso que nos anos 90, quando eu escrevo daí mesmo esse das lutas pelo movimento social e educação e que eu escrevi um dos capítulos, foi interessante, que eu sentei e escrevi em duas, três horas e ele é uma certa referência até hoje, que é o "Caráter educativo dos movimentos sociais". E daí eu falava o Caráter educativo dos movimentos sociais, eu não estava olhando para nenhuma determinação macro-estrutural. Eu
estava olhando pros sujeitos, lembrando "ó, a figura X, do começo ao fim, o que ele aprendeu, como é que foi esse processo de construção, reconstrução, da reflexão, a cabeça das pessoas, as práticas. Então foi uma, digamos assim, um olhar, uma ampliação do enfoque teórico. Embora a minha abordagem sempre foi olhar o movimento por dentro. Isso foi destacado por vários comentadores, ou analistas. Quer dizer, um olhar, assim, por dentro. Mesmo quando estava olhando mais, priorizando a questão estrutural, mas olhar as práticas de movimentação, composição, talvez pelo fato de ter tido também essa experiência de ter conhecido os movimentos sociais na sua dinâmica, no seu dia-a-dia, ter ido às

reuniões, ter procurado. O fato, por exemplo, de ter às vezes escrito, colaborado na escrita de algumas cartilhas populares, ajudou-me muito a fazer uma escrita que meus livros comunicassem. Quer dizer, tanto um público acadêmico quanto não acadêmico.

De quando são essas cartilhas? Da época do Urplan?

É, final dos anos 70, começo de 80. Que era muito comum se fazerem discussões e fazerem cartilhas populares. Quando eu estudei na FAU o movimento de moradia de São Paulo, eu já tinha voltado de Belo Horizonte, eu voltei, e naquela época a luta pela moradia era a mais importante luta popular urbana. Porque o MST ainda estava nascendo à essa altura: 84, por aí, lá no Sul. Então o rural ainda não tinha nenhuma fermentação como tem hoje. Mas o urbano sim, ainda estava pulsante. Daí eu participei bastante de várias reuniões de movimentos da questão da luta pela moradia.

A senhora fazendo essas cartilhas era redatora, roteirista?

Não, eu não sabia, eu não sei desenhar. O que eu às vezes participava era da discussão, assim, de enfoque. É educativo no sentido... o sujeito quer participar do mutirão. Nunca participou do movimento popular, não participou de nada. O que ele vai fazer no mutirão? Então ele tem que saber que tem algumas etapas, que tem algumas regras, ele tem algumas obrigações, Então era um pouco assim as mensagens.

A senhora encarava isso como algo militante também? Esse papel que realmente era algo não acadêmico.

Sim, eu acho que tem essa dimensão da militância porque na época, também, discutia-se muito enquanto metodologia de pesquisa a questão da famosa pesquisação, a pesquisa participante. Era uma técnica de pesquisa defendida e argumentada como válida e, portanto, isso era visto como uma parte na qual fazer a pesquisa significava não apenas coletar dados para trazer, fazer a sua dissertação e obter o seu título e por na biblioteca. Mas fazer uma pesquisa implicava um certo compromisso com o grupo de devolução. Agora, eu não

encarava essa devolução na hora que,
simplesmente “olha, quando terminar fecha e toma um exemplar”. Eu achava que isso era uma mistificação. Como enrolar o pobre, acha que ele está resolvendo. Vai dormir de consciência tranquila porque ele tá contribuindo pra diminuir a pobreza. Então eu achava isso uma mistificação. Então, eu achava que em determinadas horas, eu estando presentes em alguns eventos, já que minha forma de coletar dados era em termos de estar presentes em eventos significativos, se a minha presença era requisitada, eu nunca saí em linha de frente me oferecendo pra nada. Quer dizer, o que é diferente: aquele intelectual que vai lá com a missão de organizar, de levar a palavra de ordem. Que tinha muitos, eu via isso. De fazer vencer essa proposta, porque ele representava o grupo X ou
Y. De manter sob as asas determinadas pessoas porque eram as clientelas do grupo dele. Quer dizer, essas coisas que existem.

A senhora via bastante?

Bastante. Mas isso nunca era práticas de outros grupos que tinham um papel mais político, que trabalhavam mais numa assessoria. Eu não me considerava assessoria. Nunca, nunca me considerei assessoria de movimento algum. E sempre me apresentei como uma pesquisadora. Meu papel sempre foi esse: como pesquisadora.

Como é que a senhora poderia fazer um balanço dos anos 70, 80, dos movimentos sociais urbanos enquanto novidade pra sociedade brasileira? A senhora acha que foi uma novidade? Teve legados? Deixou frutos?

É, eu acho que a grande novidade do ponto de vista do movimento popular foi a legitimidade da construção de um sujeito, enquanto um sujeito político, fora do âmbito daquilo que era tido como o normal ou regulamentado que era quem estava no sindicato, que define o trabalho. Ou porque estava em alguma outra esfera mais próximo da produção. Quer dizer, então, foi a emergência desses sujeitos, à partir do local de moradia, denunciando as péssimas condições em que havia a reprodução da força de trabalho. Porque durante um determinado período

só se falava do milagre brasileiro e da maravilha do país adentrando na modernidade via as camadas médias: shopping center sendo construído, todo mundo com sua casa própria, carro, linhas de geladeiras e toda linha de eletrodomésticos brancos etc. E à custa de que? Quando muito se falava da marginalidade, da famosa teoria da marginalidade, mas isso era, vistos sempre como as classes perigosas naquela concepção antiga. Ou se falava em termos de assistencialismo. Os programas assistencialistas existentes. E daí surgem, quer dizer, que eu acho que foi uma certa novidade e ao mesmo tempo surpresa o ponto de vista que esses sujeitos à partir do local de moradia conseguem se organizar e levar a sua voz e pressionar até os órgãos de poder. Porque nos anos 50, quando era aquele movimento pelego de bairro, tentou-se também fazer isso. Mas daí sempre caía, por exemplo, naquela, algumas lideranças, por exemplo, chegaram até romper com o partido comunista porque trabalhar nas causas do bairro era secundário. Prioritário era trabalhar nas questões ligadas à produção.

Relação Capital-Trabalho.

Relação Capital-Trabalho. Esse era o conflito principal. Então ver que tinham outras dimensões para além do Capital e Trabalho eu acho que foi importante. Quer dizer, foi o despertar da construção de sujeitos, depois esses sujeitos que num primeiro momento se dizem presentes, pobre como explorados, mas depois vão se descobrindo também como mulheres, como negros, como homossexuais, como defensores de causas ecológicas, etc. Quer dizer, de uma certa forma esses sujeitos depois vão se descobrindo aos poucos. Porque o movimento afro, dos afro-descendentes, o movimento ecológico, etc, ele também entrou no Brasil muito via determinadas entidades, que depois vieram a se chamar Ongs, que ainda não tinham esse nome, ou determinados intelectuais que vieram trouxeram idéias do exterior e que pegava eminentemente as camadas médias. O movimento popular propriamente dito foi se descobrindo aos poucos, essa ala do movimento. Você pega a própria origem do próprio MST, que surge mais já nos anos 80, pega aquelas primeiras cartilhas deles, não encontra, só nos anos 90 é que vai vir a falar em trabalhadora, que vai falar na questão da mulher. Na

questão dos jovem. Então eu acho que foi importante, sim. Essa construção dessse sujeito de um lado; e do outro lado que foram esses movimentos que não foram exclusivamente eles, mas foram uma ponte importante para articular a OAB e outras entidades representativas, construir a idéia de sociedade civil, que questionou o Estado e seus aparelhos tal como ele estava organizado, aquela sociedade política da época.

A senhora falou da linha dos comunistas que despriorizavam, em tese, muito genericamente os movimentos urbanos por serem secundários em relação à questão do trabalho e do Capital. Do ponto de vista do pensamento social brasileiro, da sociologia brasileira sobre esse tema. Aí acho que a senhora deve conhecer, obviamente, Werneck Viana naqueles dois artigos dele: "atualizando bibliografia sobre novo sindicalismo" e o outro que ele fala rapidamente sobre movimentos sociais, em que ele falava numa rápida passagem, uma posição que ele não tem já há muitos anos, que ele falava que os movimentos sociais não tinham condições de ser um objeto próprio da sociologia. E lembrando que o Werneck Viana tem toda tradição mais comunista também. A senhora avaliaria que esses trabalhos sobre movimentos urbanos nos anos 80, já o conceito de novos movimentos sociais, vocês enfrentaram resistências do ponto de vista teórico, analítico, biológico, político? Foram questionados? Foram criticados? O que a senhora poderia avaliar do ponto de vista do pensamento?

Sim, acho que tinha, diferentes tipos de resistência. Primeiro de um ponto de vista de um objeto que foi se impondo, ele foi aparecendo. Eu acho que foi uma renovação pra sociologia e que, num primeiro momento, era visto até como algo secundário que foi crescendo, crescendo como, assim, essas coisas que emergem de repente e viram uma bolha que absorve tudo. Porque ele de repente começou fazer pontes com o movimento sindical, etc. Nas greves de 79 isso ficou muito claro, Como que o movimento, aquela estrutura que foi organizada, por isso que eu chamo atenção para os anos 70, porque o pessoal quando fala em movimento popular só fala nos 80 e parece que no regime, na fase militar não teve. Teve sim durante.

Até anterior à explosão das greves.

Muito. Quer dizer, foi justamente essa organização do movimento de bairro que possibilitou no caso de São Bernardo que se tivesse uma greve que durou tanto tempo. Porque quem sustentou durante muito tempo aqueles operários foram as comissões de compras, que estavam totalmente organizadas no movimento de bairro. Quer dizer, então isso é extremamente importante ver essas pontes que ocorreram. Tanto que quando surge a reorganização sindical no Brasil, antes de surgir a CUT, CGT, etc, surgiu a ANAMPOS. E a ANAMPOS, o "s" final era sindical. Era Associação Nacional de Movimentos Populares e Sindical. Quando surge a CUT, aquela reunião na Praia Grande; e depois CGT, etc, a ANAMPOS ficou, num primeiro momento, órfã, sozinha, assistindo estapafúrdio tudo aquilo. Patinou por uns quatro, cinco anos, forma uma tal de pró-central, daí o "s" ficou como se fosse uma pluralidade de movimentos sociais. Isso não está registrado. A Central dos movimentos populares é um local que se poderia visitar e é interessante também. E nos anos 90 é que se forma a Central propriamente dita. Hoje ela existe, mas eu não tenho acompanhado mais, mas eu tenho a impressão que nos últimos anos ela se atrelou muito à questão político partidária, à questão sindical. Perdeu aquela autonomia junto aos movimentos populares propriamente ditos. Mas, então, esse é um lado que eu acho que foi importante desses movimentos: que eles foram se colocando, se impondo, todos os congressos tá a marca do grupo que pesquisava movimentos sociais. E surgiu um grupo específico sobre movimentos sociais na Anpocs, por exemplo, Que depois mudou de nome, passou à lutas urbanas. Foi redefinido ao longo do tempo. Até desaparecer. E, atualmente ele ressurge, eu tô coordenando um GT na Anpocs. Chama-se "Cidades, sociabilidades, participação, gestão". Como eu trabalho na área da educação, a Anped (Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em Educação) chegou a ter um GT de movimentos sociais que eu também fui coordenadora junto com a professora Julieta Calazans lá do Rio, que foi da Fundação Getúlio Vargas, mais da área da educação. Isso no início dos anos 90. Hoje ainda existe o movimento, mas ele tá mais ligado ao movimento de educação popular, esses movimentos de alfabetização. Agora, retornando àquela questão dos anos 80, existia um certo embate entre aqueles que acreditavam na importância da mudança, transformação via os movimentos sociais e daí chegar

nos chamados espontaneístas, que a gente defendia o assembleísmo, espontaneísmo, etc. Mas acho que não é que nós éramos assembleístas, espontaneístas, o período, o clima daquele período estava, digamos, a forma de organização passava pela essa idéia da assembléia direta. Pela democracia direta, por essa questão do basismo, não é? E o que a gente escrevia era retratar aquilo que estava lá na idéia daquele grupo. E que depois foi mudando também. Mas existia o grupo, não que achava, que apostava mais na idéia da institucionalidade. Que o processo passava mais por reformas via o Estado e que o Estado seria o grande agente indutor das mudanças sociais. De uma certa forma, talvez esse grupo tenha sido até quem capturou depois a questão nos embates das lutas sociais, porque o movimento se organiza, pressiona e depois desemboca tudo aonde? Na tentativa da construção da institucionalidade via Constituinte. Com a Constituição, o retorno das eleições, o Estado então cria, daí abre-se canais, volta o processo de centralização, cria-se canais, conselhos pra tudo quanto é lado, que, aliás, é outro eixo que eu abro na minha produção dos anos 80: o livro sobre Conselhos Gestores, que é essa participação institucionalizada.

E aí surge o termo políticas públicas também...

E com as políticas públicas o Estado muda completamente sua natureza: em vez dele ser o agente direto na prestação de serviço, ele passa a ser um organizador, um diluidor, ele faz parcerias. E vai fazer parcerias com quem? Daí cria-se essas novas figuras das Ong's, Terceiro Setor, etc. Ou seja, surge um novo associativismo que não tem nada haver com aquele associativismo doa nos 70 e 80. Mas que insiste em ser chamado por vários espaços e por alguns como movimento social, mas é muito diferente de movimento social. Com esse primeiro, mas só pra concluir esse pedaço, que eu estudo os Conselhos gestores, mas antes de estudar os conselhos gestores, os anos 90, que não é tanto o objeto do seu estudo, mas que, tentar explicar essa trajetória da minha produção... Do movimento da luta pela moradia eu vou pra educação, daí eu resolvo retornar à história. Foi quando eu escrevi a história dos movimentos e das lutas sociais.

Porque quando ressurge o movimento no campo, eu disse “Pera lá. Mas e as Ligas Camponesas, etc. Esse povo está aí se apresentando como se nascesse tudo agora. Como é que liga com o que estava lá atrás?”. Então fui eu que resolvi fazer o resgate e eu ainda tenho o compromisso comigo mesma de fazer um resgate desde de lá de 1500. Porque, na verdade, eu peguei século XIX pra frente só. Mas ainda não tive tempo de me dedicar a um projeto de fôlego. Mas pretendo. Eu acho que quando, os anos também vão passando e a gente vai perdendo o fôlego pra tantas idas, tantas viagens e tantas condições e vai ficando mais, ai vou me enfiar nessa biblioteca, vou ficar seis meses ali e daí acho que vou ter tempo e condições de fazer esse projeto. A Anpocs teve um papel fundamental na minha vida. Primeiro porque sempre foi o espaço onde eu levei meus trabalhos, debatia. Cada capítulo da tese era sempre um artigo. Pelo grupo que existia na época, por outros grupos.

A senhora faz até uma recapitulação da teoria...

Dos paradigmas, da teoria dos autores que eu entendo constituírem o paradigma norte-americano. Eu pego as teorias clássicas todas, pra depois pegar o paradigma europeu. Daí eu pego lá tanto a ala italiana: Melucci. Os franceses e, também, o Claus Offe, etc. E, pra chegar aqui nos brasileiros. Quer dizer, eu acho que daí eu dei um salto, em termos da minha reflexão e produção, pra inserir efetivamente, em termos de explicações que tentassem produzir teorias. Porque eu acho que uma das objeções que às vezes, de fato, existiam nos anos 80 é que aquilo era mais política, militância do que propriamente dito a questão, porque sempre houve muita confusão nesse mundo das praticas associativas entre uma investigação propriamente dita e uma intervenção. Uma pesquisa que é uma investigação acadêmica e uma pesquisa que é uma intervenção. Eu acho que, naquela época, nós não tínhamos, de fato, essa clareza. Hoje eu tenho clareza e eu tento nas orientações, eu já orientei mais de 50 trabalhos, e eu tenho clareza e procuro, quando eu recebo um militante, desses bem militante mesmo, então primeiro, os primeiros meses ele tem que ler teoria. Bem, vamos fazer o teste pra ver se ele realmente tá aqui pra refletir a prática ou se tá aqui pra outros motivos, querendo alavancar, arrumar uma bolsa, isso mais na Unicamp, aqui nós não temos bolsas. Lá na Unicamp acontecia muito. Eu orientei lá mais de 10 trabalhos

só sobre questão agrária, MST e outros mais. Eu eu “bem, será que ele tá querendo só ficar fazendo a militância, ter uma bolsa, Ou que efetivamente vai refletir”. Então hoje eu tenho muita clareza disso nos meus trabalhos e nas orientações. Agora, acho que nos anos 80, fruto daquela conjuntura, isso tudo estaria muito embolado.

Mas essa clareza que a senhora tem hoje, por exemplo, não entraria em contradição, com a experiência, por exemplo, do Urplan? Onde vocês traziam lideranças, interagiam com essas lideranças mal ou bem.

Não. Mesmo hoje eu sou chamada e convidada para ir em, por exemplo, em avaliações de movimentos sociais, avaliações de algumas organizações que atuam com assessoria junto à movimentos sociais, pra acompanhar, digamos assim, ou quando eu faço uma palestra pra abrir um seminário para área de serviço social, qualquer outra área. Na qual eu levo uma análise de conjuntura. Que é o que nós fazíamos muito e fazíamos bem. Foi uma coisa que foi importante na época, fazer análise de conjuntura. Então, eu acho que existe essa dimensão, mas num outro nível. Não misturo as coisas, Quer dizer, a parte relativa na pesquisa eu tento refletir sobre isso que está acontecendo e esses eventos, quando eu vou, eles me realimentam de dados e informações. Quer dizer, sobre as pautas, as demandas. Mas eu hojedou mais cursos e palestras do que esse tipo de ir pra algum trabalho de assessoria. Isso muito pouco que eu faço. Basicamente eu faço palestras e aberturas de eventos que muitas vezes é do movimento popular: Fórum de participação popular, fórum disso, fórum daquilo. Mas aí é uma mesa, inclusive tem várias pessoas. Não só eu.

Vou fazer uma última pergunta, assim, mais específica. A senhora falou de renovação nas ciências sociais brasileira, também foi impulsionado pelos trabalhos de movimentos sociais. A senhora estava falando um pouco das resistências em que a visão inicial era entender os movimentos sociais como secundários. A senhora diria que os movimentos sociais e os intelectuais que os estudavam nos anos 70, 80, eles demonstraram que esses movimentos não eram periféricos como alguns achavam e que, enfim, a realidade da própria sociedade civil que vocês estavam interpretando isso, de certa forma, não

mudou, eu diria, assim, muito genericamente, o pensamento social brasileiro sobre os atores sociais da sociedade brasileira? A senhora acha um pouco que... quer dizer, não ficou provado na prática que tanto pelo movimento quanto por vocês, que o que se imaginava periférico não era periférico?

É, eu acho que de fato, a realidade mostrou. Não foi não a ponto de no campo que você pesquisa mais, do sindicalismo, aquele sindicalismo contestador da época não só cresceu e veio a eleger um presidente no país. Quer dizer, então, eu acho que isso... acho que ninguém fez ainda essa pesquisa mais de pegar os cargos públicos aí nessas últimas décadas, você vai encontrar mais da Câmara Municipal ao Presidente da República, pessoas que vieram dos movimentos sociais. Quer popular, quer seja do sindical, e diferentes níveis. Quer dizer, no sindical não só da fábrica, mas principalmente o sindical estatal. Nós temos aí algumas personalidades que, na vida pública, nunca exerceram de fato a sua profissão. Porque desde a época de estudante já se articularam a participação, quer seja no movimento estudantil, quer seja dentro da sua categoria e fizeram toda trajetória política. Então acho que isso é um indicador de que o tema tinha a temática, a problemática e aqueles sujeitos tinham alguma ressonância com o processo todo que estava aqui ocorrendo. Agora, o que acontece é que nos anos 90, quando se entra numa fase da institucionalidade, pra muitos a questão era assim: “não, a era dos movimentos, a era da participação acabou”. Porque agora trata-se de se construir a institucionalidade do país. Já temos uma nova Constituição e a ditadura acabou, então eles reduziam tudo aquilo à uma luta contra a ditadura. Eu acho que não era apenas uma luta contra a ditadura. As ditaduras entram e saem nas histórias políticas , no Brasil e em outros países. Claro que os movimentos tiveram um papel extremamente importantes, mas eu acho que o papel deles não se reduziu a isso, a ser uma luta contra o regime militar. Estavam demandando algo mais. Demandando algo mais enquanto sujeitos, enquanto direitos. Que a idéia de direito e cidadania não se colocava nesse universo. Acho que ela foi extremamente relevante e nos anos 90 é como se tivesse passado, e alguns que até ajudaram a construir essa trajetória tomaram essa posição. Se for ver, pega um número grande de pessoas que estudaram os movimentos sociais que nos anos 90 não só abandonaram o tema como alguns até passaram a estudar mais a institucionalidade mesmo, pesquisar a

institucionalidade, até achar que foi um erro e dar voz àqueles que achavam que aquilo era um tema do passado. “Ah, ainda continua estudando aquilo.” Quer dizer, é um tema do passado. Eu acho que o conflito continuou os movimentos, digamos, se eles perderam a visibilidade no urbano, ganharam visibilidade no rural, apareceu um outro Brasil rural, com as passeatas, lutas, acampamentos, etc. E ao mesmo tempo, agora nos anos 90, começam de novo, a gente tá vendo uma re-emergência não só aqui. Interessante não é, no mundo todo. Só que agora um outro tipo. Quer dizer, agora tem a questão religiosa, os fundamentalistas, etc. Então não pode falar que é só movimentos progressistas. A questão, todas as políticas do multiculturalismo, porque aqueles movimentos reivindicavam, o quê? A questão da igualdade, dos direitos. Nos anos 90, quando na era da institucionalização o discurso não foi mais da igualdade ou da universalidade, foi da focalização de grupos, atendimentos específicos e ao mesmo tempo de priorizar a diferença: “Não, temos que olhar a diferença”. Então, de um lado, isso foi importante pra emergência de vários grupos, o fortalecimento do movimento afro, do movimento indígena, do movimento disso, movimento daquilo. Mas cada um ficou um pouco nas suas trincheiras e acho que não se construiu muito, que a única coisa que conseguiu articular um pouco mais foi o Fórum Social. Porque no mais, cada um ficou nas suas trincheiras, cada um lutando pelos seus pedaços, pelas suas diferenças.

A senhora acha que a questão da diferença, da diversidade, ela já não era pré-colocada ou era colocada nos anos 70 e 80?

Era, mas era de uma forma diferente. A diversidade e a diferença, ela era colocada no sentido de falar assim: “não”, ela tinha muito haver com a desigualdade social do ponto de vista que só se todos pagam impostos, porque que só uns que têm e outros não têm? Quer dizer, a questão econômica e a questão política estava colocada. A desigualdade a questão da diferença, quando ela surge nos anos 90 pra frente, ela vem muito patrocinada por algumas políticas públicas impositivas até, de cima pra baixo: o Estado decreta cotas, o Estado decreta, etc. Mas enquanto, digamos assim, você estruturando e acomodando conflitos sociais, em termos de grupos específicos. Então, essa questão da diferença, e se se pega a França, o que tá acontecendo agora. Quer dizer, nem

tão em primeiro momento, então lá: direitos sociais pra todos. Republicanismo, etc. Todo mundo que chegava, logo imigrantes, imigrantes, imigrantes. Todo mundo chegava tinha emprego. Daqui há pouco começa a fechar o mercado. Então, os imigrantes não têm mais empregos, não têm, perde direitos, não pode ir pra escola, não pode isso, não pode aquilo. Então, se vê que fica contraditório, porque aí o Estado daí vai retirando-se e ao mesmo tempo eles começam a se identificar nas suas diferenças. Então a questão da diferença é importante, eles formam os grupos, eles começam a reagir. A periferia reage e põe fogo em Paris. Bem, daí pra resolver isso o que que faz? Primeiro, então vamos lá com a política do primeiro emprego. Resultado: deu um tiro no próprio pé porque o filho do francês “não, mas como? E o primeiro emprego, não sei o quê...”. A greve atual dos estudantes. Quer dizer, ou seja, a questão da diferença, do multiculturalismo, ela também, do meu ponto de vista, é um resultado dessa trajetória e a nova fase dos conflitos na atualidade. Porque, agora, que se abandonar o político, a questão da classe, a questão econômica. Entrou apenas no âmbito do sócio-cultural, como resolver isso sem passar pela questão política, sem passar pela questão do poder? Quer dizer, dificuldades dessas próprias lideranças, que a maior parte não teve essa formação, não tem essa visão de totalidade, de universalidade, estão muito, digamos assim, direcionada em torno da construção da sua identidade. Então, o que nos anos 80 foi a grande força, que foi unindo os movimentos na construção dessa identidade, hoje se coloca como um problema pra muitos, porque na hora como costurar essas diferenças em movimentos que potencializam determinadas forças?

Mas a senhora não veria, por exemplo, dos anos 90 em diante, essa ênfase na diferença, nas identidades próprias, elas não deixam de ter algum tipo de continuidade com, por exemplo, o autonomismo e o basismo enfatizado por alguns movimentos nos anos 70 e 80?

Sim, eu acho que é uma continuidade daquilo tudo. O que a despeito de muitos acharem que não. Acharem que nós temos um novo tempo, que agora então são as políticas focalizadas, etc. Aquela história da reivindicação, aqueles movimentos eram ideológicos. Não, eu acho que é uma continuidade, só que algumas questões que

vinham daquela época, hoje elas se colocam como problemas e dificuldades para a política, ou políticos, e para os próprios movimentos. Como eles acharam pontos de articulação nesses guetos entrincheirados que cada um ficou. Um defendendo a causa ecológica, outro defendendo essa, outro defendendo. E é interessante que em alguns momentos, no caso do Brasil, me parece que serão os movimentos populares que novamente estão começando a aparecer em cena; e ao mesmo tempo a possibilidade, às vezes, costurando essas diferenças. Porque lá no movimento popular se vai encontrar o que é o sem teto, mas é quem tem a liderança que é uma mulher, tem o negro, tem isso, tem aquilo. Quer dizer, lá eles não vão exigir carteirinha, qual a sua diferença pra tá aqui, qual a sua identidade. Não, lá ele ali constrói mais pela necessidade da demanda. Então me parece que isso tá um pouco e eu tô observando um certo interesse novamente pelos movimentos sociais. O que parecia pra alguns aí como se fosse um tanto o retorno de algumas pessoas que estudaram voltando a estudar movimentos sociais.

Créditos:

Entrevista concedida a Marco Antonio Perruso, em 25 de abril de 2006, cedida ao Arquivo de Memória Operária (IFCS-UFRJ) e publicada no livro “Ciência e Política: Memórias de Intelectuais” (org.: Marco Antonio Perruso e Mônica da Silva Araujo, Mauad X/FAPERJ, 2015).